

1. Reynaldo Moura
2. Meio de Semana
3. Correio do Povo
4. Crônica sobre as ondas
5. Porto Alegre
6. 12 de maio de 1949
7. nº 187
8. Seção - Arte e Lit.
9. bom
10. Amélia Ester

PORENA  
CLI 0261  
SIST. 5932

03w 0036-49 (03)

#### MEIO DE SEMANA

(Especial para o "Correio do Povo")

Reinaldo Moura

As ondas prestam um serviço inestimável ao mundo da imagem. Daí o extraordinário consumo de ondas, marinhas ou mesmo fluviais, no mundo da poesia. Esse movimento azulado que se repete com a monotonia admirável de um motor bem regulado, esse vai-vem das ondas, o seu lento e grave murmurio sobre as areias e as pedras, o seu prestígio mais claro na solidão das praias, tudo isso as aproxima da parte secreta dos espiritos, que não pode ser dita em palavras bem nitidas mas fica boiando nas fronteiras da inteligência quando desejamos expressar certos sentimentos indeterminados mas profundos. É pelas ondas que sentimos a eternidade. E o uso dessa imagem ainda não conseguiu gastar visivelmente a substância que a mantém, desenvolve e conserva com um prestígio sempre igual.

Esse pensamento obrigatório que as ondas nos sugerem de que tudo passa, tudo é efemero, nada permanece, isso, apesar de sua evidente penalidade sempre constitui para a parte elementar de nosso espirito assim como que uma

gratuita lição de vida. Resistimos a torrente das coisas porque desejamos a permanencia que está em nosso interesse, faz parte do nosso instinto, é a gostosa ilusão de cada instante nosso. As ondas é que nos advertem. Afinal, todos os entusiasmos, todas as aventuras em qualquer plano da existencia, podem ser comparados a elas que vem e vão, surgem e desaparecem, força evidente de um momento, ausencia sucessiva, retorno infinito. Mas as formas da vida que ela contem e embalam na sua eternidade flacida e transparente, como as nossas pobres vidinhas de cada dia se deterioram se se decompõe e desaparecem na dissolução final, como se fossem devoradas pelas misteriosas, invisiveis ondas do tempo.

Esse instante de profunda alegria diante da vida que parou um momento deante de nosso espanto, como se houvessemos percebido involuntariamente um milagre, esse instante vai passar dentro de alguns segundos com a onda livida que morreu na esponja das areias e exalou sua ultima harmonia. Fica depois a secreta ressonancia, lá no fundo, em nosso intimo misterio, e como um esmorecer de ondas menores, tambem vai se esvaindo, como todas as coisas, todas as ondas todos os momentos.

O ardor com que os homens abraçam um partido, as laminas afiadas com que se armam os espiritos em combate, sem um laivo de ceticismo a modelar e polir suas manifestações, quando julgam estar em jogo suas crenças e

simpatias. Relendo velhos textos referentes ao advento do simbolismo, quanto exagero se encontra nessa luta gratuita entre partidarios de méras expressões literárias! Não precisamos ir buscar exemplos nas batalhas que nos parecem mais sérias, de facções politicas, de interesses economicos, de convicções religiosas. Basta a luta literaria entre os homens que não se lembram da onda que eles mesmo representam e da onda que constitue a moda que eles abraçaram, totalmente, como todas as modas na historia. Somos nada mais que nesse jogo de valores efemero como as ondas em qualquer praia. Somos ondas tambem em nossas breves vidinhas, e em nosso dia a dia familiar, e em nossos entusiasmos de um instante. E por isso que a visão das ondas junto às areias faz pensar na eternidade que se escoia pelo filtro do tempo, marcada pelo movimento voluptuoso que revela a existencia do espaço onde se desenrola nossa vida. Ondas de verde translucido, tocadas de aurora, ou doiradas de morte pela hora do poente: ondas que nos imitam, que nós imitamos sem querer, que acabam em nossos poemas e no segredo dos nossos sonhos, como o acalanto noturno que nos leva para o nada.

Reinaldo Moura